

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RESUMO

Este artigo tem como finalidade trabalhar a relação entre Ensino de História e Imagens, tomando como base a produção de um catálogo imagético que será produzido sobre a Casa de Detenção do Recife, entre os séculos XIX e XX. Para isso foram selecionadas diversas imagens do local, as quais contêm diversas técnicas, formas, ângulos e recortes (gravuras, aquarelas, telas a óleo, xilogravuras), das quais compreendemos como representações imagéticas do local. Pelas imagens, é possível observar as alterações sofridas nos arredores do presídio, no que tange às pontes, praças, ruas e o aterro nas margens do Rio Capibaribe. Assim, os alunos poderão observar as intervenções paisagísticas, de modo que o catálogo se torna uma fonte de estudos para o ensino da história. Foram selecionadas imagens produzidas por diversos fotógrafos, dos quais destacamos Louis Piereck, Luiz Schalappriz, J. B. Elderock, M. Lambert. Teremos como embasamento teórico de Peter Burke, Ana M. Mauad, Ulpiano de Menezes, Roger Chartier, Circe Bittencourt, Natália Gejão. As fontes estão disponíveis na FUNDAJ, APEJE, Museu do Recife, Brasileira Fotográficas e Hemeroteca Digital.

Palavras-chave: Casa de Detenção do Recife (CDR), Fotografias e Imagens, Ensino de História

1. A casa de Detenção do Recife e seu funcionamento

A Casa de Detenção do Recife (CDR) foi construída no século XIX, sendo considerada uma prisão moderna, levando-se em consideração a sua estrutura arquitetônica Panóptica de encarceramento. Assim, pode-se dizer que o intuito de manutenção da ordem pública da província de Pernambuco foi um tema que despertou atenção por parte dos governantes, pois, esta província foi protagonista de diversos acontecimentos e conflitos políticos, a exemplo da Revolução Pernambucana (1817), a Convenção de Beberibe (1823), a Confederação do Equador (1824) e Revolução Praieira (1848-50).¹

Dentre as mudanças sociais e políticas que o Recife sofreu nos anos 30 a 50 do século XIX, notamos o desejo por parte dos governantes de dispor de aparatos legislativos, civis e militares para exercer o controle da ordem pública na cidade. Para isso, as autoridades se embasaram no Código de Processo Criminal (1832- 1834) e no Ato Adicional (1834) para

¹ Temos como exemplo de obra que retrata sobre o conteúdo, a pesquisa de José Flávio Gomes Cabral, *Conversas reservadas: “vozes públicas”, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013. Os leitores também podem consultar o artigo *Insurreição Praieira*, de Bruno Câmara e Marcus Carvalho, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11691>. Acesso: 05/03/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vigiar e controlar, de maneira indireta, determinada classe de indivíduos como escravizados, libertos e pessoas consideradas perigosas. Sobre este tema, Flávio de Sá Cavalcanti de Albuquerque e Clarissa Nunes Maia comentam que:

Os aparatos policiais civis e militares, na cidade do Recife, começaram a ser organizados em meados da década de 1830, em virtude dos “novos rumos” da política liberal no cenário nacional, tendo como marcos legais a elaboração do Código Criminal (1830), do Código de Processo Criminal (1832 a 1834), bem como o Ato Adicional (1834). A partir de então, as províncias passaram a desfrutar de certa autonomia e ter poderes legais para decidir a respeito dos empregos públicos (provinciais e municipais) das obras públicas e da força policial- cujo exercício da força física seria fundamental para manter obedientes as massas oprimidas de escravos e de homens e mulheres livres e pobres. (MAIA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 113).

Assim, o encarceramento nos presídios carregava consigo a ideia de que iria “recuperar os presos”, sendo a cadeia vista como uma fábrica que iria “transformar” os detentos em indivíduos “prontos” para a sociedade. Temos como exemplo neste período, a Casa de Correção, em São Paulo; a Cadeia Pública de Cuiabá no Mato Grosso e a Casa de Detenção do Recife (CDR), em Pernambuco, fundada em 1855, cujo funcionamento como presídio foi até o ano de 1973. Nesses 118 anos de atividade, diversos presos comuns e políticos passaram pelas celas da Casa de Detenção do Recife.

Destacamos como exemplos escravos fugitivos ou que cometiam crimes contra seus senhores- em ato de resistência à escravidão-, além da prisão de indivíduos que cometeram crimes de grande repercussão, como João Dantas, assassino de João Pessoa, bem como cangaceiros ligados ao Lampião, como Antônio Silvino, que realizava saques e assassinatos no sertão nordestino. Nos momentos de estado de exceção do Brasil, a Casa de Detenção também abrigou presos políticos da Ditadura Vargas (1937-1945) e do Regime Civil-Militar (1964-1985). É o que retrata Aurélio de Moura Brito, em sua Tese de Doutorado (2019) em História, *“O Germe da Indisciplina”: negociações, embates e enfrentamentos coletivos na Casa de Detenção do Recife (1930-1935)*

Geralmente, nesses relatos que antecedem imediatamente a Revolução de 1930, a Casa de Detenção do Recife é apresentada como uma instituição de notório uso político e sua função precípua seria debelar a atuação dos adversários do governo. A temática da prisão é inserida de forma genérica e se os presos são eventualmente nomeados nestas narrativas é para ampliar a repercussão das notícias, muito em função do status social do detido (BRITO, 2019, p. 83).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No entanto, além desse aspecto, reparamos também que o presídio costumava chamar atenção em decorrência da sua arquitetura, tendo sido representado em diversas fotografias desde o século XIX como cartão-postal do Recife. Em nossa pesquisa, pudemos contabilizar um significativo conteúdo imagético do lugar, bem como dos arredores, nos séculos XIX e XX. As características abrangendo a modernidade do presídio podem ser vistas através da sua arquitetura *panoptica*, uma marca presente na CDR e em outras prisões do mundo ocidental no século XIX, como a Inglaterra, França e Estados Unidos.

Este modelo prisional é baseado em Jeremy Bentham, cujo objetivo era permitir que as celas dos detentos pudessem ser vigiadas a partir de um único compartimento central de controle. Temos um exemplo concreto de como funcionava o *panoptismo* interno da Casa de Detenção através desse comentário de Flávio de Sá Cavalcanti de Albuquerque, reiterando que os presos eram extremamente vigiados pelos guardas, podendo inclusive sofrer punições por má conduta.

Na Casa de Detenção do Recife, se algum preso violasse o preceito do silêncio ou outra disposição do regulamento, deveria ser imediatamente advertido pelo guarda. Se o preso fosse reincidente, depois de esgotados os meios brandos de advertência, haveria uma série de punições que iriam do enclausuramento nas solitárias a restrições alimentares (ALBUQUERQUE, 2003, p. 5).

A CDR possuía um prédio que, se comparado às moradias ao redor e outras edificações da cidade do Recife, destacava-se pela sua imponência de suas dimensões, estrutura e modernidade na construção. Entre outros motivos para tamanha admiração dos fotógrafos, destacamos a sua localização privilegiada na beira do rio Capibaribe, a proximidades de praças e igrejas, o formato e estrutura da muralha.

Alguns fatores explicam sua localização. Primeiro, por ser idealizada como uma instituição voltada exclusivamente para a detenção de criminosos – não correcional – deveria ficar perto das instituições da justiça para que os presos pudessem se apresentar periodicamente e, assim, se inteirar o andamento de seus respectivos processos nas instituições judiciais; segundo, era um sinal evidente do nível de civilização e modernidade auferida pela capital de Pernambuco, portanto, deveria ser ostentada como um dos “melhoramentos modernos” símbolos do progresso; terceiro, deveria sempre reiterar aos sujeitos desviantes os riscos que incorriam ao enveredar pela carreira criminosa. (BRITO, 2019, p.90)

Os traços neoclássicos da entrada do presídio e a arquitetura como um todo acabaram se tornando alvos de fotografias e ilustrações, das quais destacamos Louise Piereck, J. B.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Edelbrock, Luis Schlappriz, Ramiro Costa e outros fotógrafos cujos registros serão objetos de nosso estudo². Assim, a CDR passou a compor o cenário do cotidiano do Recife, tornando-se cada vez mais popular em fotografias e cartões postais, tendo adquirido uma representação no imaginário dos que residiam no Recife ou passavam pela sua frente. Na leitura de Aurélio Brito

Independente das razões que podem ser mobilizadas para explicar sua localização, o fato é que essa realidade não tardou a fomentar diversas interações entre os habitantes da cidade e a Casa de Detenção. A prisão estava na margem direita do Capibaribe, no bairro de Santo Antônio, em meio às ebulições do centro. Essa não é, absolutamente, uma informação acessória. A intensa contiguidade com as dinâmicas da cidade e a rápida reverberação que os fenômenos externos alcançavam no interior da prisão foram, em diferentes conjunturas, fatores importantes para a configuração da penitenciária. Deste modo, não reputamos que essa prisão possa ser analisada com profundidade se adotarmos integralmente o paradigma que sustenta que o cotidiano prisional é um “mundo à parte”, capaz de extirpar os vínculos e as múltiplas conexões que aproximavam essa instituição do cotidiano da cidade. (BRITO, 2019, p.64)

2. A relação entre História e Imagens

Com o advento da fotografia no registro de imagens, que ocorreu na virada do século XIX-XX, podemos contabilizar inúmeras imagens da CDR antes mesmo da sua desativação durante. O recorte inicial desta pesquisa é no século XIX, quando fotógrafos estrangeiros- a exemplo de Piereck, Schalappriz e Moritz- vieram ao Recife para estabelecer os seus ateliês fotográficos. Os jornais consultados, como o *Diario de Pernambuco* e *Jornal Pequeno*, procuravam enaltecer o trabalho desses indivíduos, sempre divulgando conteúdos propagandísticos e viagens dos fotógrafos que atuaram em Pernambuco.³

Em decorrência da amplitude das fontes históricas, pode-se afirmar que as imagens passaram a ser um conteúdo abordado por parte dos historiadores, sendo as fontes imagéticas um artifício a mais que poderia auxiliar na pesquisa histórica. Peter Burke em seu livro *Testemunha Ocular* cita a importância dada à fotografia, a partir dos anos 60:

² No presente catálogo, que é o produto final, foram expostos os fotógrafos e a sua trajetória no Recife.

³ Citaremos aqui algumas das matérias expostas que falam a respeito da publicidade dos fotógrafos, em seus ateliês- locais destinados a registrar fotografias. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 de Julho de 1903; *Jornal Pequeno*, Recife, 12 de Dezembro de 1904; *Diário de Pernambuco*, 12 de Abril de 1856.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa "virada pictórica" como a tem denominado o crítico americano William Mitchell, também é visível no cenário do mundo anglofônico. Foi no final da década de 1960, como ele próprio confessa, que Raphael Samuel e alguns de seus contemporâneos tornaram-se conscientes do valor de fotografias como evidência para a história social do século XIX, auxiliando-os a construir "uma história" a partir de baixo", focalizando o cotidiano e as experiências de pessoas comuns (BURKE, 2017, p.15).

Não tardou para que surgissem pesquisadores influenciados pelo estudo das imagens, no que diz respeito as suas representações, aspectos culturais e informações que o conteúdo imagético pode trazer para uma análise histórica. Na historiografia brasileira, destacamos a influência de Boris Kossoy, Ulpiano Menezes, Ana Maria Mauad, entre outros. Assim, as fotografias acabaram se tornando um elemento presente na historiografia como uma forma de evidência histórica. A relação entre História e fotografia nos permite analisar as representações urbanas, sociabilidades, ocupações de espaços, negociações e diferentes adereços que se fazem presentes nas imagens. "Imagens podem ser utilizadas como meio de acesso a formas de compreensão e interpretação das visões de mundo dos sujeitos e das teias culturais em que eles estão inseridos" (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.53-54).

Quando observamos as fotografias da CDR, por exemplo, convém levar em consideração as cenas ao redor das paisagens. Como historiadores, devemos ter em mente que há uma necessidade de se interpretar o conteúdo da paisagem, uma vez que ela pode está repleta dos mais variados significados e representações daquele que as apresenta. Daí a importância de o historiador ter estas cautelas metodológicas para não cair em supostas armadilhas do fotógrafo ou da imprensa que expõe o tema:

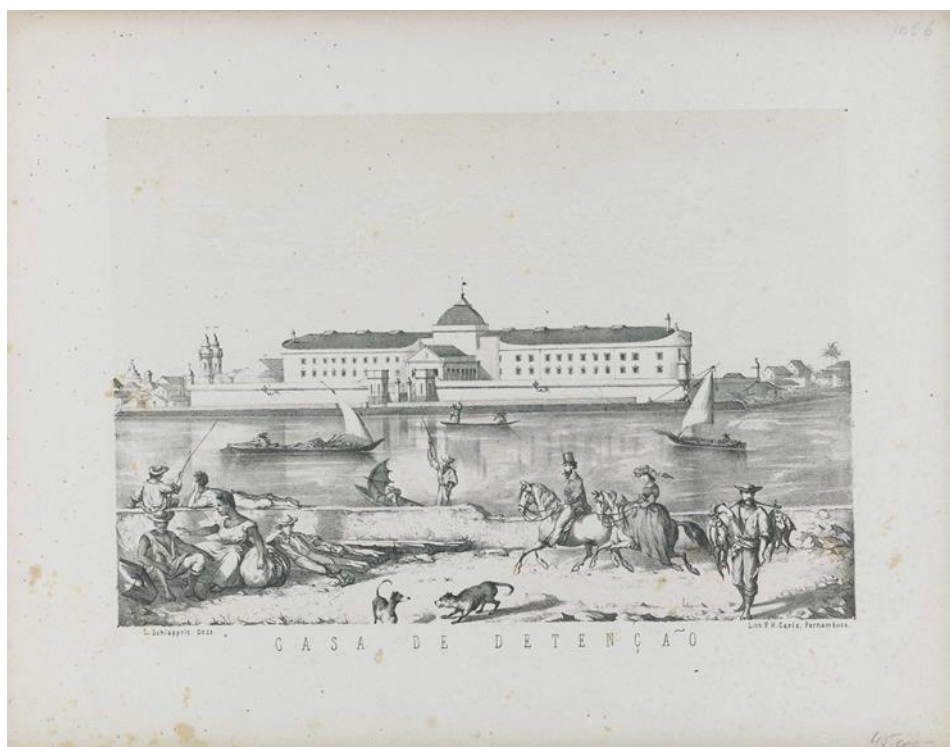
Seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um olhar inocente no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo, Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram "um ponto de vista.(BURKE, 2004, p.24).

Isso consiste em dizer que fotógrafo retira a imagem de acordo com o seu posicionamento, visões de mundo e objetivos, não sendo o olhar neutro (BURKE,2004), acreditamos que as razões que levaram os fotógrafos a destacar em suas imagens deste "imponente presídio" residem nas representações que ele ostentava no antigo bairro de Santo Antônio. Um exemplo disso, é o contraponto que é feito nas fotografias entre a casas antigas e a moderna arquitetura da CDR. Além dos traços urbanísticos e paisagísticos das proximidades

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do presídio, podemos reparar dentro das imagens do século XIX, gravura de Schlappriz que expõe a vista da Casa de Detenção, o modo de como as pessoas se vestiam, as lavadeiras na beira do Rio Capibaribe, além das atividades retratadas.

Figura 2- Cena da Imagem retratada na Pintura de Luiz Schlappriz, na Frente da Casa de Detenção



Fonte: Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon354206/icon354206.jpg . Acesso:

06/03/2021

No que tange ao século XIX, a paisagem de pessoas de cor retratada na gravura acima possivelmente indivíduos escravizados, os chamados escravos portas-a-fora, conceito desenvolvido por Robson Costa em sua obra *Vozes da Senzala*, para destacar os escravizados que faziam atividades fora de casa. Além das imagens refletirem o cotidiano da cidade,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

paisagens urbanas, também nos fornecem uma ideia dos elementos que compunham a cidade: é o exemplo de animais e atividades que seus donos realizavam. De acordo com Peter Burke:

Por sua vez, historiadores urbanos frequentemente utilizavam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginassem a antiga aparência das cidades- não apenas os prédios, mas também os porcos, cães e cavalos que vagueavam pelas ruas, ou as árvores (BURKE, 2004, p. 105).

Já no século XX, o presídio aparece como uma arquitetura antiga em meio a novas construções e transformações que o bairro de Santo Antônio sofreu: aterros, alargamento de ruas e avenidas, prédios modernos e novas casas. Daí, quando elaboramos o catálogo, além das informações técnicas das imagens, fizemos comentários sobre os autores e fotógrafos.

Neste sentido, pode-se dizer que a quantidade de imagens produzida sobre a Casa de Detenção do Recife não foi por acaso, a ponto de chegar a ser cartão postal, mas possuía, entre outras, as seguintes finalidades: I) retratar o aspecto moderno do prédio, cuja arquitetura para o século XIX refletia um desenvolvimento para a cidade. Com isso, a vista para o Rio Capibaribe, a ponte, a localização da Ilha Antônio de Vaz e os habitantes do Recife ao redor mostravam aquele imenso prédio em meio ao cenário paisagístico e urbano do Recife. II) Demonstrar capacidade de segurança pública do Recife, pelo fato da cidade portar um presídio com àquela estrutura, tal qual outras grandes cidades⁴ no mundo durante o século XIX.

Ao retratar as imagens da CDR, notamos elementos que fazem com que os observadores realizem uma “viagem” ao passado, podendo notar as mudanças que a cidade do Recife sofreu em seu entorno. Uma delas, diz respeito ao aterro que o Rio Capibaribe sofreu, ao processo de urbanização, a criação de novas pontes e avenidas. O “Recife de antigamente”, tanto do século XIX como meados do século XX, ainda desperta curiosidade de inúmeros pesquisadores, sendo também temas de trabalhos acadêmicos. A nossa primeira referência na historiografia local, abrangendo imagens do Recife, partirá da tese de Doutorado da professora Fabiana Bruce, *Caminhando numa cidade de luz e de sombras. A fotografia*

⁴ Paris, Londres, Filadélfia, São Paulo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

moderna no Recife na década de 1950. Nesta obra, a autora retrata imagens de acordo com o acervo do fotógrafo Alexandre Berzin:

Este trabalho, cuja documentação elementar são fotografias da Coleção Alexandre Berzin/Foto Cine Clube do Recife - da Fundação Joaquim Nabuco -, tem por motivação compreender as especificidades da arte fotográfica praticada nesta cidade, na década de cinquenta. São fotografias que não pretendem apenas registrar e reproduzir o que é dado, mas que, considerando-se o vínculo indiciário com o real concreto, se propõem a ressaltar diversidades, fragmentando o universo fotografado e multiplicando sensações no observador; relativizando, inclusive, o lugar da fotografia na modernidade (BRUCE, 2005, p.10)

Através desse trabalho, do mesmo modo que o compreendemos como uma historiografia referente as imagens do espaço urbano da Veneza brasileira, podemos também estar atentos as representações e olhares daqueles que fotografam as imagens: os fotógrafos. Isso faz com que os historiadores tenham cautela ao observar tais aspectos, pois muitas vezes as imagens podem refletir o intuito do fotógrafo, conforme ele quis captar. Ana Maria Mauad chama atenção a tais detalhes, ao citar que:

O poder em cena necessita de atributos que o distingua das demais representações sociais, posto que as manifestações do poder não acomodam bem com a simplicidade. A grandeza ou a ostentação, a decoração ou o fausto, o cerimonial ou protocolo geralmente as caracterizam. Neste sentido, o próprio ato de fotografar envolve um cerimonial com comportamentos definidos. O fotógrafo não está em qualquer lugar. Ele é chamado para atuar como “testemunha ocular” e seu testemunho tem o valor de prova irrefutável (MAUAD, p14, 2013).

Para isso, é importante estarmos atentos aos interesses daqueles que fazem imagens da CDR, pois este ato por si expressa as representações imagéticas do observador quanto ao seu objeto fotografado. No que diz respeito a CDR, por exemplo, o presídio esteve representado em diversas imagens, chegando muitas vezes a ser representado como cartão postal. Qual o intuito de expor um presídio como elemento visual da cidade? Perguntas desse tipo, devemos estar atento para responder aos leitores, mas que esta resposta só poderá ser possível se estivermos atentos às representações conteudísticas e pela compreensão do imaginário. Boris Kossoy reitera que:

Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final" (KOSSOY, 2012, p. 125)

De acordo com a nossa análise e interpretação do passado, podemos fazer a ligação do presídio com a ideia de segurança, motivo pelo qual a Casa de Detenção sempre era exposta como uma referência. Dessa forma, fotografar o local, reiterar a sua imagem, era uma forma de enaltecer a ideia de segurança da Cidade do Recife, passando a entender que era um local onde a criminalidade era combatida. Além disso, a arquitetura do presídio, pelo formato neoclássico e moderno, tornou-se atrativo para ser registrado em imagens.

3. O Ensino de História através das imagens

As imagens quando contextualizadas e trabalhadas dentro de sala de aula compõe uma importante fonte de ensino da História, tanto para alunos do Ensino Médio quanto para o Ensino Superior. De acordo com Circe Bittencourt:

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente. (BITTENCOURT; 1998, p. 89)

Isso consiste em dizer que Pesquisa e Ensino caminham de mãos dadas, devendo os docentes encontrarem uma forma de ampliar a forma com que ensinam os conteúdos históricos para os alunos. Ao mesmo tempo, exige uma formação atenta do profissional de História para a forma de como ele irá trabalhar história com imagens

Para ensinar com a ajuda de imagens o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador cultural, ou seja, atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, onde está presente a idéia de múltiplas vozes, o contato com várias linguagens para se construir um novo conhecimento. (GEJÃO, s/d, p. 1)

Por exemplo, quando mostramos aos alunos imagens da Casa de Detenção e do Centro do Recife no século XX, especificamente nos anos 70, a leitura que deve ser repassada aos alunos daquela realidade diz respeito as transformações que o Recife estava sofrendo naquela época, nos bairros de São José e de Santo Antônio, com projetos de transformações urbanas durante os governos de Augusto Lucena e Geraldo Melo. Intervenções de caráter

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tecnocrata, mediante a construção de avenidas, alargamento de ruas (como a Dantas Barreto) e da Agamenon Magalhães. Embora nas fotografias não possamos ver todas as ruas alteradas da cidade, podemos ter em mente as transformações sofridas no cenário quando se vê o aterro que o Rio Capibaribe sofreu, próximo a CDR.

Uma das mais significativas alterações urbanas do Recife ocorreu entre 1971 e 1973. Tratava-se do prolongamento e alargamento da Av. Dantas Barreto no trecho compreendido entre o pátio da Igreja N. S. do Carmo e a Praça Sérgio Loreto, abrangendo uma área de quase 4 km² (NASCIMENTO, 2004, p.100).

Pode-se, ao mesmo tempo, recomendar uma literatura de caráter histórico ao aluno, que poderá fazer com que ele tenha mais informações a respeito daqueles eventos. Destacamos o trabalho produzido por Luis Manuel Domingues do Nascimento, *Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, o romance: A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins* (2004). De acordo com Luis Manuel

As gestões burocráticas tecnocráticas e apolíticas terminaram por levar a uma extrema centralização e a instituição de um sistema funcional no qual imperava obstáculos e morosidades que dificultavam o acesso dos possíveis beneficiários aos seus serviços. Como contra prova disso, tomemos os tortuosos percursos, a desmedida paciência e disponibilizada e a humilhante sujeição que os moradores e/ou líderes comunitários de favelas e loteamentos clandestinos tiveram que perpetuar pelos órgãos públicos da Prefeitura da Cidade do Recife e perante as autoridades de plantão dos chefes e dos técnicos das repartições públicas por simplórios benefícios...Assim, os indivíduos eram reduzidos em sua consciência de coisa, tornados objetos ou dimensionado através de parâmetros dados por valores materiais(NASCIMENTO, 2004, p.32).

Assim, deve o aluno entender, com base na fotografia e no conteúdo escrito, que o Recife na década de 70 procurava destruir a “parte velha” e “feia” da cidade para poder construir um cenário urbano moderno. Pode-se, inclusive, destacar que essa ideia era antiga, vindo desde a década de 30, com a destruição dos Mocambos, moradias populares bastante comuns ao centro da Cidade do Recife. Trabalhos como os de Zélia Gominho, *Veneza Americana X Mucambópolis: o Estado Novo na cidade do Recife (Décadas de 30 e 40)* mostram perseguições a esse tipo de moradia. Em uma das fotografias que temos, é possível perceber este tipo de habitação no Recife, onde a CDR é vista ao fundo.

Figura 2- Imagem de antigos Mocambos à Beira do Rio Capibaribe, onde a Casa de Detenção é vista ao fundo, no lado Esquerdo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Autor:Louise Piereck, 14.04.1906. Arquivo: Josebias Bandeira

De acordo com Zélia Gominho, este tipo de habitação no Recife era bastante comum em diversos bairros, motivo pelo qual ela caracteriza o Recife como *a cidade dos Mocambos*.

Podemos, então, localizar Mucambópolis- palco de luta e resistência, esconderijo de desejos e frustrações, espaço produtor de múltiplas subjetividades- às margens dos rios Capibaribe, Tejipió, Jiquiá e Beberibe, nas ilhas formadas por esses rios (Ilhas: do Leite, Coelhos, Joana Bezerra, do Retiro, do Maruim) e mais dos Rios Jordão e Pina, no Cabanga, à beira do encontro entre os rios e o mar, onde desaguava a gente que como o rio vinha se retirando, formando essa cidade anfíbia, aquática, sem nome sob a capital tão conhecida. (GOMINHO, 2007, p.35)

Este conteúdo pode ser aplicado quando irá se trabalhar a Era Vargas no Brasil, especificamente em Pernambuco, durante as medidas dos interventores e seus projetos. Como se pode observar em nosso estudo, inúmeros temas podem ser percebidos através da análise imagética da Casa de Detenção do Recife, dos quais destacamos duas imagens presentes no corpus deste texto: a de Luiz Schlappitz, no século XIX (p.6) e de Louise

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Piereck (p.11) do século XX. Quando se estiver falando sobre a escravidão, os alunos tem em mente a situação dos escravizados, sobretudo os portas adentro e portas afora. Ao se mostrar esta gravura de Schalappriz, tem-se a oportunidade de reflexão do tema, a fim de observar os diversos atores sociais presentes nas imagens.

No século XX, a fotografia destacando as antigas moradias do Recife podem servir de elemento de comparação entre o passado e o presente, que praticamente mostra a destruição dos mocambos. Logo, o docente pode apresentar ao aluno sobre o que seria um mocambo, bem como as transformações urbanas que a cidade do Recife sofreu no século XX. Focando-se que estas transformações foram excludentes, resultando no aglomerado urbano de indivíduos em bairros como Casa Amarela e Ilha do Coque, que atualmente são comunidades com pouca estrutura urbana, esquecidas dos olhares públicos. Acreditamos que a escolha de um produto no formato de Catálogo, que conterà as imagens e explicações sobre os fotógrafos, poderá facilitar a sua circulação entre os estudantes, de modo que sua aplicabilidade fique disponível em escolas, bibliotecas de universidades e, principalmente, plano digital. Este foi o motivo pelo qual escolhemos como produto final um catálogo, pois é o modelo que melhor se adequa a nossa proposta de estudo.

Com isso, as imagens acabam por compor uma importante fonte de estudo, bem como de elemento da preservação memória do local. Assim, aqueles que hoje passam nos arredores da Casa da Cultura, ou visitam o espaço, devem ter a ciência de que aquele lugar algum dia representou o que de moderno tinha o Recife: uma Casa de Detenção. O formato de Catálogo também propicia uma melhor aplicabilidade do produto, uma vez que os estudantes ao consulta-lo poderão utiliza-lo como referência de trabalho. Ao mesmo tempo, o catálogo será uma forma de levar os estudantes a viajarem ao passado, de modo que ao percorrer as ruas do Recife, especialmente as fotografias, notará que no seu imaginário social “nada será como antes”, pois o nosso próprio estudante se tornará um viajante no tempo, estabelecendo um elo com o passado e reativando a memória dos locais percorridos.

Por outro lado, o catálogo também serve para o público geral, no caso, curiosos e estudantes de outras áreas que desejem conhecer mais sobre a importância das imagens para o estudo da História, bem como no que diz respeito a compreensão do local. Toda essa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

explanação reitera os discursos utilizados tanto no século XIX como século XX, pois, fica explícito que o discurso de modernidade que justificou a criação do presídio, foi também utilizado para poder desativá-lo e também para a sua demolição no século XX, como argumento semelhante de um Recife dissociado de um velho, algo que deverá ser percebido por aqueles que observarem o catálogo.

FONTES:

-Hemeroteca Digital

-Braziliana Fotográficas

-Acervo Privado

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária: palavras e imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945)**. São Paulo - SP: Universidade de São Paulo, 1995.

ABUD, Katia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino**. História, São Paulo, 22 (1): 183-193, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf> Acesso: 08/03/2021

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. _____. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de Imagens como Evidência Histórica**. Bauru: EDUSC, 2004.

BRUCE, Fabiane; FACÃO Lucia; DIDIER Maria Thereza. **História(s) e ensino de História**. Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Recife, v. 22, n. 2, p. 199-207, jul./dez., 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Ed. Difusão, 1988.

GEJÃO, Natália Germano; MOLINA, Ana Heloisa. **Fotografia e ensino de História: mediadores culturais na construção do conhecimento histórico**. Anais do VII seminário de Pesquisa em Ciências

Humanas. 17 a 19 de setembro. Londrina: Eduel, 2008.

GOMES, Flávio José Cabral e COSTA, Robson (orgs). **História da escravidão em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**, 2ª edição, Madrid, Ediciones Cátedra, 1992,

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

MAIA, Clarissa Nunes; ALBUQUERQUE NETO, Flávio de S. C. de. Escravizados e encarcerados: a presença de escravos na Casa de Detenção do Recife. CABRAL, Flávio José Gomes e COSTA, Robson (orgs). **História da escravidão em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008

MENDONÇA, Paulo Knauss. **O desafio de fazer História com imagens**: arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – jul. 2003.

MORAIS, Grasiela. As imposições da “nova ordem”: As prefeituras de Comarca e o controle sobre as mulheres populares no Recife (1836-1842). CABRAL, Flávio José Gomes e COSTA, Robson (orgs). **História da escravidão em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SÁ, Flávio. **A reforma prisional no Recife oitocentista**. Da Cadeia à Casa de Detenção (1830-1874). Dissertação de Mestrado em História: Recife, UFPE, 2008.